

Erasmus em Praga

A minha ligação à experiência Erasmus principiou curiosamente na Finlândia, país onde vivi anteriormente. Na cidade onde residia, Tampere, tinha um grupo de amigos que viajavam para Praga e estabeleciam intercâmbios ao nível de ensino com a FAMU. Ouvi maravilhas e inclusive recebi convites para lá me deslocar, facto que não me foi possível aproveitar nessa época. Mais tarde e após a minha entrada no curso de Fotografia da Escola Superior de Tecnologia de Tomar, voltaram-me à memória esses tempos passados quando comecei a pensar na possibilidade de, eu próprio, concluir o meu curso com uma experiência Erasmus, o que seria “*a cereja em cima do bolo*”.

Após alguma pesquisa concluí que os locais mais apetecíveis e de acordo com a minha formação seriam Londres, Barcelona, Helsínquia ou Praga. Os primeiros dois tinham mais desvantagens que vantagens: o facto de serem sociedades tão próximas de nós retirava o factor mistério para além da óbvia componente económica tão distante da realidade lusa. Helsínquia oferecia-me muitas vantagens: conhecimento da língua e da mentalidade, excelente ensino, fácil mobilidade por já conhecer os cantos à casa, amigos e conhecidos. Porém, o factor clima acabou por me fazer pensar que desejava algo de novo. Não desejava novamente temperaturas abaixo dos – 25 graus Célsius, regressar ao inferno gelado. Deste modo, Praga surgiu como o destino mais natural: boas referências ao ensino e à cidade, factor económico, clima não tão agressivo (o que não é bem assim) e obviamente o factor surpresa de ir para um sítio desconhecido até à data, o que me possibilitaria conhecer outro sistema de ensino distinto do meu, bem com uma nova realidade cultural.

Deste modo o protocolo foi estabelecido, o apoio dado por parte do GRI e as equivalências criadas pelos meus professores, bastava apenas comprar um bilhete de avião e partir.

A Europa de hoje aniquilou as fronteiras dentro de si própria, estabeleceu laços entre si como nunca antes vistos, abriu portas à mobilidade com a abolição de visas ou passaportes, apoiou o conhecimento sobre si mesma e aos seus cidadãos com múltiplos incentivos entre os quais se insere o programa Erasmus. Este, proporciona à massa estudantil do Ensino Superior o incentivo de sair fora da sua “*ilha cultural*” de que cada

nação é fértil, de conhecer novas formas de pensar e de fazer, de novas línguas e ideias, de paisagens e cidades, diria mesmo de aromas e sabores.

Praga foi por mim o destino eleito devido a razões relacionadas com a excelência do seu ensino dentro da minha área, a Fotografia, e ao facto de ser um dos novos países do contexto da União Europeia, a denominada “*Nova Europa*”, o que me despertava curiosidade e motivação para embarcar neste projecto. E com efeito as expectativas não saíram defraudadas.

A FAMU, a universidade com que o protocolo foi estabelecido, é na sua origem uma escola de filme e televisão, fundada no pós II Guerra Mundial no ano de 1946. É uma das mais antigas escolas de cinema de toda a Europa e do mundo. O seu curso de fotografia principiou nos anos 70, o que incute nesta escola grande qualidade aliada à tradição, que mais poderia eu desejar? Em conjugação com o espírito progressista e de rápido desenvolvimento social que se vive na Praga de hoje, assiste-se ao renascimento de uma dinâmica cultural de uma cidade que já foi a mais desenvolvida da Europa Central, onde se instalou a primeira universidade (Universidade Charles), terra de grandes monarcas, escritores, alquimistas e das ciências do oculto.

À minha chegada no mês de Fevereiro coincidia um clima frio e austero facilmente aniquilado pelo elemento surpresa de quem chega a um local pela primeira vez. Dirigi-me ao sítio onde iria residir nos próximos 4 meses, a residência da FAMU (filme, TV e fotografia), da DAMU (teatro) e da HAMU (música), situada bem no centro de Praga e acabada de ser remodelada, sorte de principiante eu diria. Tudo tinha sido previamente arranjado com a ajuda da minha coordenadora da República Checa, ao que bastou chegar, dar o nome e ter imediatamente a chave na mão, que no caso seria um cartão electrónico. Nunca antes tinha vivido em residência, questionava-me se seria positivo ou não. Ao entrar deparo-me com o meu colega de quarto, Baris vindo de Istambul que gentilmente me acolheu acompanhando-me na minha primeira excursão pela cidade.

Em dois dias principiei as aulas, ou melhor, comecei a frequentá-las, uma vez que tinha cerca de 30 disciplinas à escolha das quais seleccionei aproximadamente 10, por questões de horários e conteúdos programáticos adequados aos meus próprios interesses. Nos corredores e para além dos inevitáveis checos e eslovacos, havia russos, coreanos, búlgaros, norte-americanos, argentinos, etc, etc.

As primeiras semanas foram de descoberta, conhecer pessoas e lugares, ajustar o ritmo de vida a uma nova realidade, ir ao supermercado e ficar a olhar para os rótulos sem conseguir entender fosse o que fosse para além das coisas mais básicas e

elementares. Ir ao restaurante e tentar entender o menu sem saber o que escolher. Diversas vezes, acabou por ser fechando os olhos e apontando o dedo, sem grandes escolhas erradas, afortunadamente.

Na FAMU, ia gradualmente esclarecendo as minhas ideias em relação aos objectivos a tomar e as disciplinas iam sendo escolhidas, todas relacionadas com fotografia, cinema e documentário. Estes dois últimos totalmente inacessíveis na Escola donde vinha. O ensino era todo ele feito em inglês, sem o domínio da língua tudo teria sido muito mais dificultado, do entendimento das matérias dadas ao realizar dos trabalhos teóricos e claro, na relação com as pessoas, caso para dizer, falar é poder.

Gradualmente a rotina foi se estabelecendo com hábitos do dia-a-dia que nos ajudam a sentir que estamos mais em casa. Como o meio onde estava inserido era totalmente internacional e académico foi simplesmente fácil travar relações com outras pessoas geralmente nos bares e catacumbas de que Praga é frutífera. À medida que o tempo passa o conhecimento aprofunda-se, os elos estreitam-se e a amizade começa a surgir. Com efeito, decorrido cerca de um mês da minha estadia em Praga já era difícil jantar sozinho, frequentemente era convidado por colegas ou saíamos juntos para tomar algo num qualquer restaurante adequado às nossas bolsas.

Com as amizades estabelecidas principiou a surgir aquilo a que me propus aquando da minha decisão de escolher Praga como destino, um maior conhecimento da Europa da antiga esfera da “*cortina de ferro*”, não somente a do Leste mas também a Central. Ao dialogar com as pessoas com quem me cruzei foram-se abrindo portas do meu conhecimento sobre essas outras sociedades outrora tão distantes e obscuras no nosso imaginário. Assim reconfirmei que uma cultura não se extingue com a opressão política, antes sim, permanece em estado latente até ter as condições para de novo despoletar. Países para além da Republica Checa como a Hungria e a Polónia vêm reocupar um espaço há muito perdido no seio do nosso continente, outros países de menores dimensões, da Eslovénia à Lituânia, representam o enorme mosaico cultural presente neste continente. Ter o privilégio de conhecer pessoas desses locais e com elas discutir ideias ajuda-nos a melhor compreendermos o nosso país para o bem e para o mal. A possibilidade de tanta gente hoje em dia poder viajar e residir noutra país que não o seu permite que a nível geracional se crie uma verdadeira consciência europeia não somente no papel mas também nos sentimentos. Ao residirmos num local e caso ai nos sintamos bem, começamos a sentir que ele também nos pertence, é o que se tem passado por todos os locais onde tenho residido, não me pertencem de facto, mas um bocadinho de

mim pertence a eles e logo, sempre que a eles retorno, tenho a agradável sensação de estar em casa novamente.

A nível de ensino a experiência não podia ser melhor, não é todos os dias que temos consultores de Oliver Stone a dar-nos palestras sobre a temática da “*Guerra e Hollywood*”, ou a irmos a estúdios de animação Checa, uma das mais famosas de todo o mundo, ou ainda de visionarmos filmes e documentários com os autores dos mesmos a darem-nos explicações no final dos mesmos. A dimensão da FAMU mostrava-se por si mesma, a organização e o pragmatismo com que tudo era feito demonstrava que apenas muitos anos de experiência podem levar àquela eficiência a nível educacional. Basicamente não quero dizer que tudo fosse perfeito pois nada o é. O que me motivou na FAMU foi o facto de eu poder realizar o meu próprio plano de estudos sem ter de perder tempo a cumprir cadeiras obrigatórias que nada tem a ver com a área e apenas tiram tempo e a possibilidade de focar naquilo que para mim é importante, a Fotografia. Para além disso concorri e entrei para o Departamento de Fotografia e no qual tive o prazer e privilégio de trabalhar com um conhecido fotógrafo checo, o meu mentor Viktor Kolár. A minha escolha ficou ainda mais complicada pois a entrada neste departamento alargou o leque de escolha, contudo fiquei contente com as disciplinas seleccionadas. Na minha experiência tive a oportunidade, e para além das aulas, de participar na realização de diversas curtas-metragens, umas melhores, outras piores, o que importa é a experiência que fica e o espírito de camaradagem com que tudo decorre. Houve também a possibilidade de eu próprio desenvolver o projecto de final de curso num país estrangeiro o que por si só se torna num desafio, já que fotografarmos a nossa realidade num terreno onde podemos comunicar e conhecemos os cantos à casa não será certamente o mesmo de chegar a um local e fazer tudo a partir do zero. Os objectivos foram concretizados havendo ainda o brinde de ter realizado créditos extras que eventualmente no futuro poderão vir a ser úteis e para além disso fica a experiência pessoal que se ganha sempre que nos propomos a desafios destes.

Para além de tudo isto ficam as memórias de locais por onde passamos e de pessoas que conhecemos. A balança entre realizar um intercâmbio ou não o fazer pende apenas para um lado, na minha opinião. O de sair e explorar, pois será algo que irá ficar dentro de nós para o resto da vida. A verdade é que hoje posso apanhar um avião e caso deseje, ficar em Paris, Praga, Bratislava, Budapeste, Sofia ou Istambul entre outros sem ter que me preocupar com alojamento ou comprar guias turísticos.

Como conclusão reafirmo que a experiência Erasmus é algo que todo o aluno deveria fazer, a liberdade do tempo de estudante é algo que dificilmente se repetirá no futuro e certas oportunidades surgem uma vez e não duas na nossa vida, assim, porquê hesitar!?

Diversos colegas meus já me exprimiram o desejo de realizar Erasmus no próximo ano, quiçá para Praga. Espero verdadeiramente que a experiência continue, ganhe força e contribua para o desenvolvimento do meu curso de modo a lhe dar um cariz mais internacional.

Fotografias



“Turistas em Praga”

Imagem realizada para a disciplina de Foto-Reportagem



“Lada Cubista”

Imagem digital realizada como trabalho final da disciplina Visual Imaginery



“Praga Performance”

Imagem realizada para documentar performance “order fictitious”;
<http://www.youtube.com/watch?v=HpliWaj8F0A>



“Nosferatus”

Participação como actor na curta-metragem Nosferatus

Miguel Duarte
Curso de Fotografia
Nº9423